

O último do S. S. Tempestade

- Dylan! Você precisa ir amigo, já estamos fechando. – Disse o garçom do bar, com quem criei intimidade com o passar das noites ultimamente, enquanto recolhia da mesa o pequeno copo de vidro ainda levemente borrado de vodca no fundo.

- Ahn...? – Indaguei ao ser surpreendido enquanto me perdia em meus pensamentos, olhando vagamente para a mesa de bar à minha frente – Ah sim... Ok, Ok – Respondi ao ouvir do garçom as mesmas palavras embora não as tenha dado atenção anteriormente. Peguei minha jaqueta na cadeira ao meu lado, minhas chaves e a garrafa de vodca sobre a mesa que ainda tinha alguns bons goles sobrando e me pus a passar pela saída pondo-me de encontro às ruas vazias e escuras daquele bairro pobre e hostil.

A noite estava escura e calma. Acima de mim, a lua e as estrelas cintilavam e demonstravam todo seu esplendor no céu, iluminando as monótonas faces daquele planeta, dando um lugar especial ao Cruzeiro do Sul, as guardiãs da cruz, que um dia já me mostrou os caminhos por onde percorrer, mas que agora, é somente mais uma como tantas outras que iluminavam as ruas pela qual passava, orientando um homem cujo coração se perdeu para sempre, um homem que tentava desesperadamente curar ou mesmo esquecer suas cicatrizes através do vício alcoólico. As ruas estavam desertas e do leste, soprava uma leve e fria brisa marítima trazendo no ar os aromas salgados do mar e as amargas lembranças que o acompanhavam.

Na escuridão das ruas desoladas daquele bairro, estava eu agasalhado em minha jaqueta de couro preta, usando calças jeans e tênis esfarrapados, com a barba e os cabelos grisalhos por fazer enquanto os mesmos se mexiam e esvoaçavam com a brisa vinda da minha frente, contra mim. Meus pés avançavam em passos instáveis e de forma inconstante entre tropeços pelas calçadas e ruas enquanto me apoiava nas paredes e postes à minha volta, minha visão embaralhava-se e ficava turva com os goles de vodca que me acompanhavam desde o bar, lembrando-me entre vagas lembranças de tempos antigos onde me encontrava entre meus companheiros a bordo de um navio cruzando os mares e oceanos, cortando as furiosas ondas que se lançavam em direção à proa, balançando e atirando o navio em diversas direções diferentes, trazendo na pele a furiosa devastação da natureza que somente os mais experientes, corajosos ou loucos dos marinheiros se dispunham a encarar. O navio elevava-se e se atirava em queda contra as ondas gigantescas e as mais terríveis tempestades, verdadeiras guerrilhas mortais de Netuno, causando medo e horror aos corações mais audazes dos marujos mais ignorantes.

Ainda caminhando em passos lentos contra a brisa que se lançava contra mim, transcorrendo pelas curvas e imperfeições do meu rosto de tez escura marcado por manchas solares, decorrendo da ponta do meu nariz, descendo até minhas bochechas e remexendo meus cabelos brancos e grisalhos até se perderem atrás de mim enquanto pronunciava em meu ouvido sussurros do mar que me amaldiçoava com as visões e lembranças do meu passado, encontrei-me frente a frente com a praia e a imensidão de água além dela. Lá estava ele, de longe pude observá-lo refletindo o luar e roubando das estrelas seu brilho único enquanto avançava e recuava na areia da praia. Aquela imagem aterrorizava-me, sentia meu coração disparar, minha visão foi novamente ficando mais turva, todo meu corpo tremia ao presenciar novamente aquela devastação sobre-humana da natureza e num impulso, deixei cair da mão a garrafa vazia de vodca que se despedaçou lançando no chão da calçada em que eu estava, diversos cacos de vidro. Um sentimento de náusea, desconforto e medo me possuíram por dentro, tomando conta do meu ser. Tomando forma dentro de mim. Era o mar, que torturava-me dia após dia.

E enquanto ele avançava sobre aqueles minúsculos grãos de areia, minhas memórias regressavam nitidamente em minha cabeça como em vários flashes, lembro-me o quanto era escura e tempestuosa aquela noite em alto mar, a tempestade lançava sobre nós seus raios enquanto o mar, imbatível, se dispunha de ondas de metros de altura contra as paredes do navio incessantemente. O convés se inundava cada vez mais de água e em pouco tempo estaríamos perdidos, o capitão estava com os nervos à flor da pele, estávamos todos apavorados e não víamos à frente nenhum sinal de embarcações ou faróis que pudessem nos salvar do fim inevitável. Por fim, o mar travou uma guerra da qual não poderíamos ganhar. A água aumentava e subia lentamente contra a proa, que permanecia emersa sobre o oceano, enquanto diversos homens da tripulação, entre gritos e falsas esperanças, se atiravam às águas na vaga tentativa de ficarem vivos, quando de repente

senti a manga de minha blusa ser puxada para um canto afastado, era meu melhor e mais fiel amigo Edward mostrando-me um bote salva-vidas que, em segredo, utilizamos para escapar do navio sem que nos notassem.

Mas as ondas e tempestades continuavam furiosamente implacáveis e, decididas fortemente a impedir nosso retorno, éramos lançados com o bote a todas as direções e engolidos pelas águas profundas e espumantes do oceano com as ondas colossais que se quebravam sobre nossas cabeças. Com dificuldade, regressei a nado para o bote e, enquanto meus olhos ardiam e sentia o forte gosto salgado e amargo na boca daquelas águas impetuosas, avistei meu melhor amigo no oceano e rapidamente estendi meu braço para ele, que segurou firme. Lembro-me com clareza das gotas de água que se formavam em seu rosto apavorado, seu olhar, indescritível, revelava seus piores sentimentos, ele havia perdido toda a esperança, sabia em seu íntimo que não havia escapatória e esse olhar assustado, foi a última coisa que pude ver antes das fortes ondas o soltarem de meus braços e engoli-lo, para nunca mais ser visto. Desde então, culpo o mar por sua morte, desejando que fosse verdade, enquanto bebo dia após dia na falha tentativa de superar o peso da culpa.